



UM ESTUDO DE CASO SOBRE O APAGAMENTO DOS RÓTICOS EM INFINITIVOS

Michelli Cristina Galli¹

RESUMO: Partindo da perspectiva variacionista, a língua é compreendida como essencialmente variável, desse modo, neste estudo, pretende-se desvendar como se dá a organização da variação linguística. No Brasil, durante muitos anos a língua portuguesa, trazida de Portugal, e as línguas indígenas viveram lado a lado como línguas de comunicação. Com o fim do tráfico negreiro, nos séculos seguintes, a formação linguística teve contribuições das imigrações vindas de várias partes do mundo, dentre elas, Alemanha, Itália e Espanha. Esse intenso contato entre línguas constituiu a sociedade brasileira. Fundamentado na realidade da fala do Brasil, este trabalho apresenta um estudo de caso acerca do apagamento dos róticos pós-vocálicos em infinitivos. A partir da análise da fala, objetiva-se investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam a realização do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Rede de Comunicação. Apagamento do Rótico.

ABSTRACT: From the variation perspective, language is understood as essentially variable, thus this study, we intend to unravel how is the organization of linguistic variation. In Brazil, for many years the Portuguese, brought from Portugal, and the indigenous languages lived side by side as communication languages. With the end of the slave trade in the following centuries, language training had contributions coming of immigration from around the world, among them Germany, Italy and Spain. This intense contact between languages constituted the Brazilian society. Based on the reality of the talk of Brazil, this paper presents a case study about the erasure of post-vowel rhotic in infinitives. From the analysis of the talk, the objective is to investigate the linguistic and extralinguistic factors that motivate the realization of the phenomenon.

KEYWORDS: Sociolinguistics Variation. Communication Network. Deletion Rhotic.

INTRODUÇÃO

Como produto da atividade humana, as línguas submetem-se aos diferentes fatores da vida concreta dos homens, da história de cada sociedade em seus menores e singulares detalhes. A pesquisa sobre os diferentes aspectos de representação da vida, em suas diversas configurações trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, dedicando-se aos fatores essenciais à própria natureza da linguagem humana (MONTEIRO, 2000).

¹ Aluna mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Cascavel e professora efetiva do Instituto Federal do Paraná. michellicgalli@gmail.com

O Brasil é constituído por mais de 200 comunidades linguísticas diferentes, a construção desse cenário linguístico deu-se por sua colonização. A ideologia de uma única língua falada no país tem dado lugar ao conceito de línguas brasileiras: “línguas faladas por comunidades de cidadãos brasileiros, historicamente assentados em território brasileiro”. (CALVET, 2007). Assim, pensar no português brasileiro é pensar nas variações existentes nesse vasto território linguístico.

Falantes de qualquer língua fazem considerações sobre o uso e a forma como ela se estrutura, ainda que inconscientemente. Portanto, todos os falantes brasileiros fazem inferências a respeito de como se dá a organização da língua. “Qual falante que não se lembra de ter um dia discutido o ‘jeito diferente de falar’ de uma pessoa que seja de uma outra região geográfica?” (SILVA, 2006).

Assim sendo, para o estudo da língua é necessário delimitar a variante a ser investigada. Neste estudo, partindo da perspectiva da língua como heterogênea, pretende-se, analisar a fala de alguns chateaubriandense a partir das informações adquiridas por meio de entrevistas. A escolha por esse grupo chateaubriandense justifica-se pelo seu processo de colonização. Nessa época, o cultivo do café era predominante, contudo, o plantio da menta trouxe à cidade inúmeras oportunidades para o desenvolvimento local.

A cidade de Assis Chateaubriand é polo agrícola, localizada em uma das áreas agrária mais privilegiada do Paraná. Em busca das riquezas advindas da agricultura, em especial da soja, trigo e milho, o município recebe pessoas vindas de várias regiões do Brasil, a chamada “Morada Amiga” teve seus momentos de glória na economia paranaense. São aproximadamente 33.998 (IBGE, 2013), dentre eles, 2,91% provenientes da região Nordeste, 0,13 da região Norte e 13,94 da região Sudeste.

Por possuir predominância agrária, optou-se por analisar a fala desse grupo chateaubriandenses envolvidos com o cenário da agricultura. Desse modo, os trabalhadores da empresa Siloti compõe a rede de comunicação do presente trabalho.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os estudos na área da linguagem são inúmeros. Cada área aborda os fenômenos da língua partindo de uma perspectiva sociolinguística que compreende a língua como viva, evolutiva e

heterogênea. Ao considerar a língua como heterogênea, afirma-se que no meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha (TARALLO, 2011).

A sociolinguística variacionista preocupa-se com a língua dinâmica em uso nas comunidades de fala, atentando para a relação entre a língua e sociedade. Em todas as comunidades de fala há formas linguísticas em variação, ou seja, há *variantes linguísticas*. (TARALLO, 2011). As variantes linguísticas são formas alternativas que configuram um fenômeno variável.

O precursor da sociolinguística variacionista foi o americano William Labov. Em seu primeiro estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, o pesquisador observou duas formas distintas de pronúncia para o fonema /r/ pós-vocálico. Nota-se no referido estudo a coexistência de variantes, essa coexistência na língua nem sempre é “pacífica”, há entre as variantes uma constante relação de concorrência: padrão *vs.* não padrão; conservadora *vs.* inovadora; de prestígio *vs.* estigmatizada.

No entanto, para compreender a variação na língua as variáveis linguísticas não podem ser consideradas ou tratadas isoladamente, há entre as variáveis linguísticas e não-linguísticas correlações que favorecem ou inibem o uso de formas variantes (MOLLICA, 2003).

Compreende-se como variáveis linguísticas, as variáveis internas à língua. Essas variáveis podem ser divididas em diversos campos da linguagem e podem apoiar-se nos estudos na sintaxe, morfologia, semântica, fonética e fonologia. Seu objeto de estudo é a investigação científica da linguagem humana. O presente trabalho, em particular, embasará análise no campo da fonética e da fonologia.

No que diz respeito às variáveis não-linguísticas, sexo/gênero, idade, escolaridade, classe social, dentre outras, a sociolinguística compreende que em qualquer comunidade de fala há a coexistência desse conjunto de variáveis. Logo, interessa aos estudos da sociolinguística compreender as variáveis sociais que influenciam na fala.

A atuação dos fatores externos na geração e motivação da fala está condicionada pela mesma “dinâmica” dos fatores internos, sendo possível, portanto, determinar a rede de relações mantida entre eles, e que orienta a produção da fala na comunidade. Os fatores internos e externos devem ser avaliados como fenômenos passivos, pois sua ação depende das circunstâncias da fala, das determinações históricas e da liberdade linguística. (COSERIU, 1988).

Perceber as relações entre os fatores internos e externos à língua e, conceber a língua como viva e evolutiva, é aceitar que em qualquer estado real e em uso, coexistem formas em diversos estágios de evolução que podem ao longo dos anos extinguirem-se, dando lugar às novas formas variantes. Uma vez que a língua é viva e evolutiva, compreende-se que há fatores que implicam na existência e extinção de variantes.

Para que haja mudança linguística é necessário ter havido variação. Esse processo não deve ser visto como mecânico, regular e de curto prazo, as mudanças ocorrem lentamente e obedecem a um curso. Os princípios empíricos para a compreensão da mudança são: transição, restrições, encaixamento, implementação e avaliação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

O quadro a seguir representa a sistematização da variável e batalha para a conservação ou mudança linguística.

Quadro 1. Princípios empíricos propostos por Labov

Transição: De acordo com os autores a língua é heterogênea, nela diferentes variantes coexistem. Neste estágio há a coexistência, a batalha entre as variantes inibe algumas formas e/ou favorece o uso de formas conservadoras. Mesmo com a coexistência não há um *caos linguísticos*, pois a mudança é dinâmica e sistematizada.

Restrições: Fatores linguísticos e extralinguísticos que restringem a mudança. Esses condicionadores delimitam as condições de mudança.

Encaixamento: O encaixamento deve ser entendido como o grupo de fatores que motivam o encaixe da variável. O encaixamento é dividido em duas seções – encaixamento da estrutura linguística e encaixamento da estrutura social. Nesta seção, consideram-se os fatores internos e externos que regem os fenômenos da variação.

Implementação: Causas que determinam ou inibem a mudança.

Avaliação: Por vezes, as reações às mudanças são subjetivas. As mudanças linguísticas recebem a avaliação social e nem sempre são conscientes.

Fonte: Criado pelo pesquisador de acordo com estudos de TARALLO (2011).

Assim, “cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”. (MOLLICA,

2003, p.11). A partir dos estudos sociolinguísticos pode-se ter um panorama sobre as línguas e os caminhos percorridos para uma mudança ou conservação linguística.

O APAGAMENTO DE RÓTICOS EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS NO INFINITIVO

No português brasileiro a posição de coda silábica pode ser preenchida pelas consoantes vibrante [r], lateral [l], fricativa [s] e nasal [n]. O apagamento do rótico no infinitivo consiste na supressão do *r* em coda silábica final dos verbos no infinitivo. “A queda do *r* é mais freqüente nos jovens, decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso” (MONARETTO 2000, p. 280).

Faz-se necessário frisar que há duas formas coexistentes: o apagamento do rótico e sua conservação nos já citados contextos silábicos. A identificação de fenômenos variáveis pressupõe que, para uma determinada categoria linguística, existam pelo menos duas possibilidades de representação superficial disponíveis para os membros de uma mesma comunidade de fala [...] (GOMES e SOUZA, 2003).

Quanto à posição silábica, os segmentos distribuem-se na sílaba a partir de características próprias, como a força articulatória e o grau de sonoridade. Além das características próprias dos segmentos, o contexto precedente é fundamental na estrutura da sílaba. Os segmentos distribuem-se numa escala de força consonantal, para cada segmento há um valor sonoro e a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer processo de mudança cresce conforme sua avaliação de valor for menor na escala.

Quanto ao **erre** em final de sílaba, observa-se seu vozeamento ou desvozeamento. Em posição final de sílaba que coincide com final de palavra, como na palavra *comer*, ocorrem os segmento desvozeados.

A língua, como já defendida, é mutável. Este estudo pretende demonstrar se há o apagamento ou a manutenção do rótico em coda silábica final.

REDE SOCIAL DE COMUNICAÇÃO: TRABALHADORES DA EMPRESA SILOTI

A escolha pela Siloti – Agricultura e Indústria motivou-se por sua representatividade na economia chateaubriandense. A empresa, “nascida” em Assis Chateaubriand- PR, iniciou seus trabalhos em 1981, a princípio, a fabricação de fubá e pipoca impulsionou os negócios.

Acreditando no potencial da cidade e da região, o empreendedor Edésio Siloti, realizou vários investimentos na infraestrutura e nos maquinários. Após esse período, a empresa instaura uma indústria de beneficiamento de milho, responsável por industrializar e comercializar grande parte do milho produzido na região. Nos anos seguintes, iniciou a comercialização de fertilizantes e insumos de alta tecnologia, participando nas culturas do milho, da soja e do trigo, fornecendo aos seus clientes assistência técnica especializada, desde o plantio à colheita.

No contexto de empresa familiar e pioneira na cidade de Assis Chateaubriand, optou-se por analisar a fala de seus trabalhadores que além das relações de trabalho, são moradores da cidade. “A análise de redes é o estudo das relações existentes num sistema em processo de mudança. Quando aplicadas a sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia social voltada para as relações entre indivíduos em grupo” (BORTONI-RICARDO, 2011).

Há duas tradições na história dos estudos de redes: relacionadas à psicologia, trabalho com pequenos grupos, e a outra à sociologia que aderiu à observação participante no intuito de compreender o comportamento das pessoas. A partir dos resultados obtidos pelos sociólogos é que o conceito de rede social passou a interessar aos estudos da linguagem: “essas redes podem corresponder a socioletos ou a línguas diferentes, ao mesmo tempo em que podem desempenhar um papel na difusão das inovações linguísticas, da variação” (CALVET, 2002, p.120).

Os papéis sociais dos falantes podem justificar as variantes existentes na língua. Um mesmo falante ora é trabalhador, ora é o representante da família, transitar em contextos diferentes pode levar o falante optar por uma ou outra forma variante. Nesse sentido, a decisão pela rede social pode trazer dados fundamentais para a compreensão da língua em uso. “Um indivíduo participa de diferentes comunidades de fala, o que torna a relação entre indivíduo e comunidade bastante fluida” (FIGUEROA, 1994 apud SEVERO, 2008. p.2).

Gamperz (1998) defende a ideia de que um indivíduo pode participar de uma variedade de redes de socialização e defende a ideia de rede social, evitando o uso da expressão *comunidade de fala*. “O uso do paradigma de redes para a análise da diversidade linguística baseia-se no fato de que diferenças nas redes sociais das pessoas podem justificar o surgimento de diferenças no comportamento linguístico” (GONÇALVES, 2013. p. 105).

METODOLOGIA DA PESQUISA / ESCOLHA DAS VARIÁVEIS

No campo das ciências, de acordo com os objetivos e fundamentação teórica, o pesquisador decide quais as modalidades que pode aplicar à sua pesquisa.

A pesquisa qualitativa vem responder à necessidade em se investigar um fenômeno nas relações sociais formadas pela história, crenças e valores. Para a pesquisa qualitativa os fenômenos são melhor compreendidos se forem analisado no contexto em que ocorrem. Nessa perspectiva, as análises são processuais e reflexivas, todos os envolvidos fazem parte da investigação e um mesmo fenômeno pode ser observado por diferentes enfoques.

Este trabalho também está amparado pela perspectiva teórica do interpretativismo, uma vez que o indivíduo é agente transformador em seu contexto social e histórico. O interpretativismo trabalha com hipóteses para compreender quais ações humanas agem sobre a sociedade. A tradição interpretativa se preocupa em esclarecer os significados dos atos sociais: “Os seres humanos são construtores de sua realidade social objetiva, que, por sua vez, os determina” (SANDIN ESTEBAN, 2010, p. 60).

Para a melhor compreensão do fenômeno, serão relacionados os fatores linguísticos aos extralinguísticos. A dimensão diastrática inclui os parâmetros que definem a classe social dos informantes. Dentre os fatores que caracterizam o perfil socioeconômico estão o nível de renda, a ocupação, o nível de instrução, o tipo de moradia e o bairro ou ponto de residência na localidade.

A definição dos parâmetros diastráticos se dá pelas questões sócio-culturais, ou seja, conforme a formação escolar (THUN, 2005). O nível de escolarização pode facilitar o acesso a alguns bens que favorecem a mudança linguística, como a mídia, e, ainda, levar o indivíduo a absorver algumas características sociais em função da profissão e dos contatos que estabelece durante o período que permanece na escola.

Partindo da hipótese de que a escolarização possa se colocar como variável atuante no conservadorismo e na inovação linguística, para esta pesquisa, a variável classe social foi assim definida: **ES** ensino superior completo.

A variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 75-76).

Levando em consideração as motivações linguística e extralinguística, foi definida a faixa etária: (i) **GI** (15 a 35 anos), a geração mais nova, que deve abarcar os filhos ou os netos dos colonizadores, já nascidos na localidade, que se inseriram ou estão por se inserirem no mercado de trabalho e que se deslocam para a cidade em função do trabalho ou dos estudos.

A fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais (TRUDGILL, 1974).

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a ocorrência de variantes que envolvem formas padrão e formas não padrão, assim como os processos de implementação, inovação e conservação estão relacionados ao gênero/sexo do falante e aos papéis dos homens e das mulheres na sociedade (PAIVA, 2004).

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresenta-se o apagamento do rótico em posição de coda silábica dos verbos no infinitivo. Ademais, algumas informações referentes ao lazer e ao acesso a meios de comunicação.

No quadro abaixo, estão organizados os dados dos entrevistados. Para a melhor compreensão serão utilizadas as designações **Part. 1** e **Part.2**.

Quadro 2. Dados dos Informantes

	Sexo/Gênero	Idade	Escolaridade
Part. 1	Masculino	30	Superior Incompleto
Part. 2	Feminino	24	Superior

Em relação à diversão tanto o **Part.1** quanto **Part. 2** *raramente* vão ao teatro e ao cinema. Quanto à leitura de jornais e revista, ambos leem, no entanto, as leituras são *onlines*. Da mesma forma, ambos possuem acesso à internet todos os dias.

Ao refletir sobre a coleta de dados, especificamente sobre o *paradoxo do observador*, Labov (1972) destaca como algumas técnicas de entrevistas confiáveis no sentido de registrar a fala espontânea do participante.

Na parte do questionário, destinada aos temas para discursos semidirigidos, é possível registrar “elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, se encontra presente nas respostas às indagações do inquiridor, em outros trechos da entrevista”. Trata-se de um momento em que o informante “discorre livremente sobre determinados assuntos, destacando-se entre esses os relatos pessoais” (MOTA, 2004, p. 41). Abaixo apresento o quadro de perguntas que deram base à entrevista:

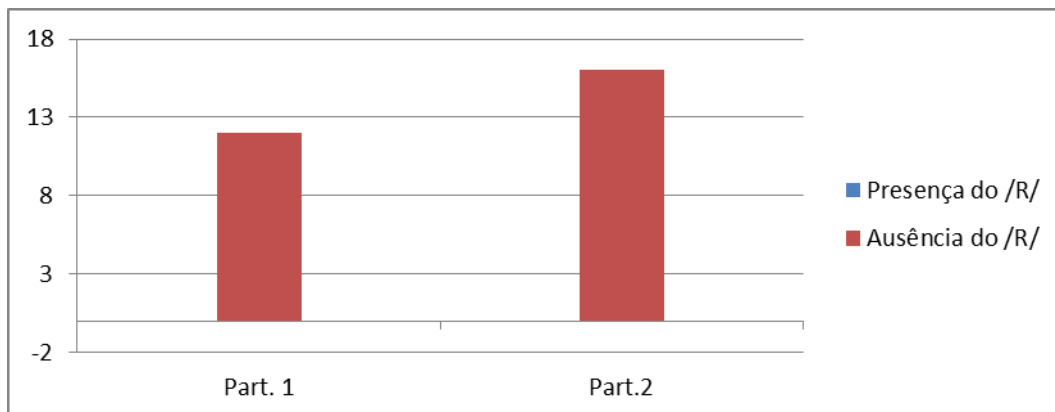
Quadro 3. Temas para Discurso Semidirigidos

TEMAS PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDOS	
1.	Relate um acontecimento importante em sua vida.
2.	Conte um sonho interessante que já teve.
3.	Na juventude o que costumava fazer para se distrair ² .
4.	Como é a vida aqui em Assis Chateaubriand. O que as pessoas fazem para sobreviver? Como se divertem? Como é a comunidade?
5.	Relate um fato curioso ou uma história de Assis Chateaubriand.
6.	Como é o seu trabalho na Silotti?
7.	Como é trabalhar aqui?

Importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas no local de trabalho, em uma sala separada e silenciosa. No entanto, os aparelhos eletrônicos: celular e telefone estavam ligados. Os informantes se mostraram tranquilos e prestativos, as entrevistas duraram em torno de 20 minutos cada.

Gráfico I: Manutenção *versus* Apagamento

² Dependendo da faixa etária a pergunta pode ser diferente: O que você costuma fazer para se distrair?



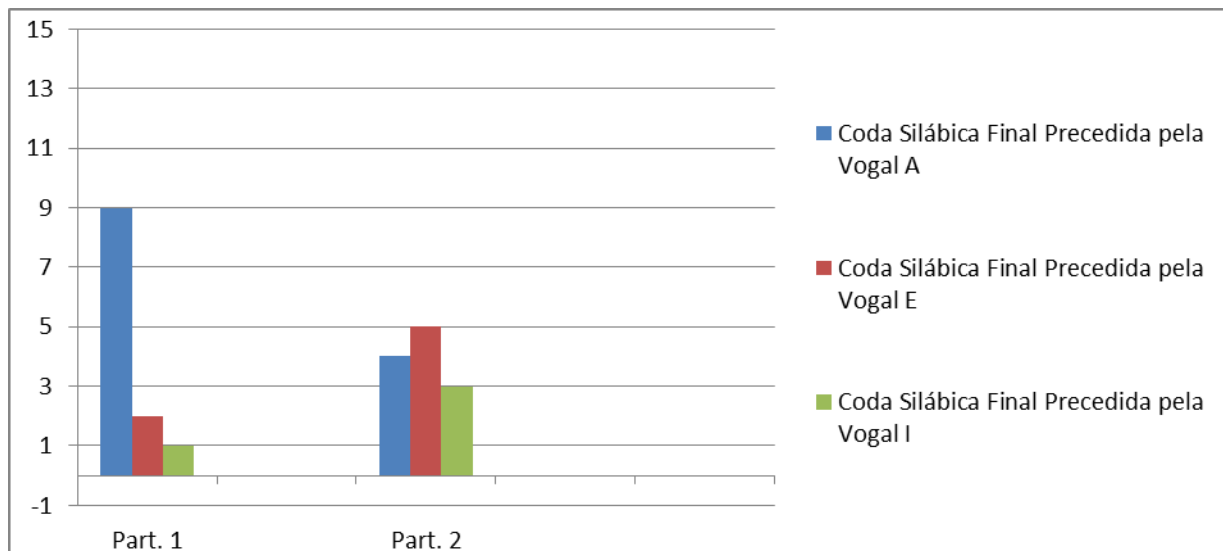
A primeira análise refere-se à manutenção *versus* apagamento da vibrante em coda silábica final de verbos no infinitivo. Os dados demonstram que nas 12 realizações dos verbos no infinitivo com o rótico em coda silábica do **Part.1** houve o apagamento e nas 16 realizações do **Part.2** também houve o apagamento dos róticos. Isso significa que, na fala dos entrevistados não há a manutenção do /R/ em coda silábica final de verbos no infinitivo.

Por tratar-se de uma geração mais nova, acredita-se que a o apagamento seja a forma inovadora e não estigmatiza. Sendo assim, a forma inovadora assinala a mudança em progresso.

Faz-se necessário neste tópico chamar a atenção para a maior ocorrência do apagamento do rótico na fala da mulher. A variável *sexo* é um importante fator na compreensão da variação linguística. Em geral, as mulheres tendem a valorizar a variante de prestígio e se adaptam mais facilmente a situações em que as inovações não são estigmatizadas. No entanto, é necessário que as variáveis *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo* se cruzem para que os dados sejam os mais legítimos possíveis.

Neste estudo em questão, a variável *escolaridade* não determinou o menor ou maior uso das variantes. Uma vez que, o maior grau de escolaridade está associado às formas conservadoras e de prestígio.

Gráfico II: Vogal Precedente



É possível perceber que em coda silábica final precedida pela vogal *a*, as realizações foram maiores para o entrevistado **Part.1**, 9 das 12 realizações. Já o **Part.2**, das 16 realizações foram apenas 4 nesse contexto. A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da primeira conjugação, explicando a maior ocorrência com essa terminação (CEGALLA, 2000). No entanto, os dados apresentam uma menor ocorrência para **Part.2**.

Quanto à coda silábica final precedida pela vogal *e*, as realizações ocorreram em um maior número na fala do entrevistado **Part.2**. Contudo, o uso de verbos terminados em *ir* foi menor tanto em **Part.1** quanto em **Part.2**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos dados obtidos neste estudo, pode-se inferir que o apagamento dos róticos pós-vocálicos em infinitivos caracteriza a mudança em curso. Com relação à avaliação da variante, compreende-se que não há estigma acerca do fenômeno.

Com base na sociolinguística variacionista foram feitas algumas breves considerações, objetivou-se com isso trabalhar o fenômeno estudado a partir da compreensão da língua como viva e evolutiva. Portanto, para compreender o cenário das variações, mais que considerar as influências internas da língua é necessário alicerçar as análises aos fatores externos a ela. Somente assim, é possível constatar as relações existentes que contribuem para a variação.

Ainda que com algumas limitações, espera-se que os dados trazidos à discussão possam colaborar para futuras pesquisas a respeito dos róticos em coda silábica.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Tania. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). *Introdução à linguística 1*. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p.21- 48.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. 6.ed. São Paulo: Contexto. 2011. p. 121-140.
- BENTES, Anna Christina (Org). *Introdução à linguística 1*. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- BUSSE, Sanimar. *Atlas linguístico-etnográfico da região oeste do Paraná/ ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala*. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009.
- _____. *Investigações Geossociolinguísticas: Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação*. **Revista Línguas & Letras**, v. 13 n° 24 1° Sem. p. 90 - 116. 2012.
- _____. *Um estudo geolinguístico da fala do Oeste do Paraná*. Londrina, 2010, 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. : MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). *Introdução à linguística 1*. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p.49- 76.
- _____. *As Políticas Linguísticas*. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2009.



- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. 6.ed. São Paulo: Contexto. 2011.p. 141- 163.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História*. El problema de cambio lingüístico. Gredos: Madrid, 1988.
- FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Idade: uma variável sociolinguística complexa*. **Línguas & Letras**. v.6, n. 11, Cascavel: EDUNIOESTE, 2005. p. 106-121.
- GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In B. T. Ribeiro, e O. M. Garcez, (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE Ed., 1998: 98-119 [1982].
- _____. A sociolinguística interacional no estudo da escolarização. In: COOKGUMPERZ, J. (Org.). *A construção social da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 58-82.
- IBGE - *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em 18/set/2013.
- LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.
- _____. *Principios del cambio lingüístico*. Vol. 1. Madrid: Gredos, 1994.
- LOPEZ-MORALES, Humberto. *Sociolinguística*. Madrid: Gredos, 1993.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.



MAIOR, Laércio Souto. *História do Município de Assis Chateaubriand: o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do estado do Paraná*. Maringá: Clichetec, 1996.

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil: **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.35, n.1, p.275-284, mar.2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOTA, Jacyra. Metodologia na pesquisa geolinguística: o questionário fonético-fonológico. **Revista ProLinguas**, João Pessoa, Edições da Universidade Federal da Paraíba, nº 2, v.2, p. 1-11, jul./dez. de 2008.

RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000*. Campinas, SP : [s. n.], 2005.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. *Em busca de uma história para o léxico rural paranaense*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. *Pesquisa qualitativa em educação*. Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 47-75.

SANTOS, Raquel Santana. SOUZA, Paulo Chagas. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística: II. Princípios de análise*. Contexto: São Paulo, 2011. p.121.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolinguística: Teoría y Análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2011.



TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SEVERO, Cristine Gorski, Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo. Tese de doutorado da UFSC, Florianópolis, p. 1-255, 2007.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VANIN, Aline Aver, Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala', **Acta Scientiarum Language and Culture**, Maringá, v.31. n.2, p. 147-153, 2009.

YIN, R.K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.